

RESENHA

FERNANDES, D.; BAENINGER, R.; CASTRO, M.C.G.; BALIEIRO, G.; ROCHA, J.; BORGES, F.; MAGALHÃES, L.F.; DEMÉTRIO, N.; DOMENICONI, J. (Orgs.), **17 Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil** - Resultados de Pesquisa. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2020. 686fls.



O longo período da pandemia desde o início de 2020 até os dias atuais, acompanhado pelas incertezas quanto à sua eliminação, trouxe complexidades inimagináveis para o estudo dos deslocamentos no Brasil e no mundo. De repente, as mobilidades foram proibidas e interrompidas entre regiões e nações, enquanto o vírus circulava cada vez mais rápido. Neste cenário, imigrantes que estavam fora de seus locais de origem eram proibidos de voltar, se assim o desejassem; outros, impedidos de irem para outros locais, mesmo que seus projetos de vida envolvessem deslocamentos. Parados em fronteiras, muitos migrantes começaram a ser vistos, e o são até hoje, como o caso de brasileiros em Portugal (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/21) como possíveis transmissores da doença, mesmo quando já residem no país há tempos. Países que se declararam a favor de imigrantes, procuraram mantê-los longe e isolados (caso dos Estados Unidos, Folha de São Paulo, 03/04/2021). Ao mesmo tempo, as travessias ilegais pelas fronteiras fechadas continuaram colocando maiores dilemas nas regiões de acesso.

Se as migrações no mundo atual já eram vistas como problema, a pandemia trouxe perplexidade para imigrantes e governos. Para as políticas governamentais, questões de natureza econômica, política, diplomática e social foram se agudizando. Para os migrantes envolvidos em dificuldades econômicas e relações familiares, os dilemas se colocavam: partir ou ficar? Ficar ou voltar? Como ficar? Como voltar?

Para o campo dos estudos sobre migrações, as discussões anteriores levadas a cabo em fóruns internacionais e nacionais foram envolvidas por uma problemática que até então estava ligada aos deslocamentos, mas não era geralmente determinante na análise dos mesmos: a questão da doença e seu contágio.

Os que migram passam a ser sujeitos mais perigosos com suas trajetórias, pois é principalmente pelos relacionamentos entre as pessoas que o vírus circula e se espalha.

Fecham-se as fronteiras, os nacionalismos, principalmente dos países mais ricos (e, portanto, os que mais atraem migrantes) são assumidos abertamente em nome da saúde de "seus" cidadãos.

Para os estudiosos dos processos migratórios também incidem as restrições, principalmente nos países em que a vacinação é precária: não há como se aproximar presencialmente dos sujeitos migrantes, já que a ausência de circulação e o distanciamento são as regras recomendadas. Como entrar na casa de um imigrante para realizar uma entrevista, sem trazer riscos vários? Em que medida os estudos não ficam comprometidos pelo distanciamento social? E o medo dos imigrantes em situações de incertezas, como enfrentam as perguntas?

O livro “Impactos da Pandemia de Covid-19 nas Migrações Internacionais no Brasil – Resultados de Pesquisa”, lançado em setembro de 2020 surgiu nesse contexto como um trabalho colossal de pesquisa e de enfrentamento dos desafios que a pandemia trouxe às migrações e aos sujeitos envolvidos, assim como aos estudos migratórios.

Destacamos duas grandes contribuições dessa obra que são fundamentais aos estudiosos do tema das migrações internacionais: de um lado, a discussão sobre o processo metodológico que foi sendo construído para se ter acesso aos migrantes e, de outro, o detalhamento das condições histórico-sociais dos processos migratórios e especialmente o que os resultados dos levantamentos realizados nas várias regiões/estados do Brasil permitiram constatar.

Com relação ao processo de investigação, que em especial focalizamos nessa resenha, é preciso chamar a atenção para a constituição de uma rede de pesquisadores com base na proposta elaborada por duas instituições coordenadoras: a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMINAS) e a Universidade Estadual de Campinas, com a coordenação geral de Duval Fernandes e Rosana Baeninger.

Assim, foi sendo construída uma equipe integrada com os mesmos objetivos e formas de investigação. Foram várias as parcerias interinstitucionais estabelecidas entre: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; Universidade Regional do Cariri - URCA; Universidade Federal do Acre – UFCA; Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Universidade Federal de Roraima – UFRR; Universidade Federal Fluminense – UFF; Universidade Federal do Paraná – UFPR; Universidade Federal do Amapá - UNIFAP; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP; Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.

Os caminhos foram sendo delineados a partir dos problemas que iam surgindo, pois a pandemia colocou empecilhos à realização de reuniões conjuntas entre pesquisadores e, principalmente, ao acesso aos imigrantes.

Dessa forma, a pesquisa sobre os impactos da pandemia nas migrações internacionais no Brasil consistiu em um levantamento de campo online realizado entre maio e julho de 2020, portanto, nos primeiros meses de sua incidência no território brasileiro.

Os resultados devem, assim, ser considerados levando em conta essa delimitação temporal, pois, com o não estancamento da doença, o agravamento da pandemia em 2021 e o deficiente processo de vacinação da população, certamente novos problemas e situações passaram a ser enfrentados.

O detalhamento dos aspectos metodológicos da pesquisa permite ao leitor compreender como foi possível, em um curto período, realizar o levantamento de dados em várias regiões do país. Os proponentes esclarecem que tiveram como inspiração inicial duas pesquisas que utilizaram processos remotos: uma sobre emigração de portugueses em que se recorreu ao uso de questionários disponibilizados na internet e divulgado por associações de portugueses no exterior (PEIXOTO et alii, 2016). A outra, mais recente, sobre o impacto da COVID-19 na migração brasileira na Europa e no Reino Unido, realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que utilizou questionário online e fez sua divulgação por meio de redes sociais de imigrantes brasileiros na Europa. A pesquisa pautou-se em passos e conceitos

da teoria ator-rede de Latour (1994, 2012) que, segundo os proponentes, auxiliaram com recursos operacionais na construção metodológica para inovarem na metodologia sujeito-ator para o estudo das migrações internacionais.

Em um primeiro momento, um questionário elaborado pela equipe PUCMINAS foi disponibilizado em um link, alocado na plataforma Google Forms, mas surgiram limitações não só pelos diferentes contextos do país, mas também pelas dificuldades que impossibilitavam a criação de uma relação de confiança por parte da população imigrante que a levasse a se dispor a responder o questionário, de "modo espontâneo".

Optaram, então, pelos procedimentos sugeridos pela teoria ator-rede de Latour (2012) e pelos conceitos de agentes intermediários. Foi essa opção que permitiu o enfrentamento não só do acesso a imigrantes localizados em quase todos os estados brasileiros, mas principalmente que os mesmos se sentissem dispostos a colaborar com a pesquisa e responder às questões formuladas.

É interessante retomar aqui a síntese do processo apresentada pelos autores:

Baseando-se na teoria ator-rede (Latour, 2012) e nos conceitos de agentes intermediários – a ação é transportada sem alterar a rede – e agentes mediadores – a ação é capaz de transformar a rede – acionamos nossa rede de pesquisadores e estudiosos das migrações internacionais em diferentes universidades no Brasil como agentes intermediários, os quais coordenaram a pesquisa local e selecionaram seus agentes mediadores, ou seja: imigrantes que acionaram suas próprias redes e passaram a ser os entrevistadores da pesquisa online ou mediadores para o preenchimento direto do questionário por imigrantes (p. 14).

Segundo os autores, a teoria de Latour auxiliou com recursos operacionais na construção metodológica inovadora na **metodologia sujeito-ator para o estudo das migrações internacionais**.

Assim, o processo de pesquisa desenvolvido para o trabalho de campo remoto acabou tendo três frentes, segundo os autores: manteve o link disponível para respostas espontâneas; os agentes intermediários/instituições também realizaram entrevistas, principalmente por WhatsApp e imigrantes-mediadores impulsionaram a efetivação da pesquisa nas diferentes regiões do Brasil na articulação intermediários-mediadores-sujeitos da pesquisa.

Salientam que as escolhas dos agentes intermediários foram intencionais e assim a pesquisa contou com dezesseis especialistas pesquisadores. Também as entrevistas foram realizadas/mediadas por vinte e dois imigrantes-mediadores representantes de associações e redes.

Destaca-se nesse processo de pesquisa realizado durante a pandemia a importância da intermediação junto aos imigrantes por parte de pessoas de sua confiança, o que, de certa forma, é até usual nas pesquisas realizadas junto a imigrantes, mas que, nesse caso, se mostrou fundamental, considerando que os próprios pesquisadores estavam afastados dos sujeitos.

No total a pesquisa conseguiu obter 2475 questionários respondidos nesse curto espaço de tempo. O detalhamento apresentado em número e gráficos sobre os sujeitos envolvidos evidencia que estavam distribuídos por quase todos os estados, com exceção de Alagoas, Piauí, Maranhão e Tocantins, concentrando-se os respondentes em maior número no Sudeste, Sul e Norte do país (foram entrevistados em quase igual proporção homens e mulheres).

O questionário compreendeu vários tópicos: “Módulo I – Informações pessoais”; “Módulo II -Sobre a sua chegada ao Brasil”; “Módulo III – Questões laborais”; “Módulo IV – Direitos Sociais”; “Módulo V – Acesso à saúde”; “Módulo VI – Os impactos da pandemia em sua vida”. Em cada módulo os imigrantes eram solicitados a responder sobre aspectos diversos e importantes. No tocante ao módulo VI, por exemplo, além das condições que cada um enfrentou, também foi indagado sobre os apoios institucionais obtidos e a quem recorreriam em contexto de crise antes e durante a pandemia, também sobre seus medos e seus planos futuros diante dessa situação pandêmica.

Os pesquisadores também deixaram no final do questionário um espaço para que os entrevistados pudessem se expressar mais livremente sobre o atendimento a possíveis demandas e recebimento de respostas caso quisessem, deixando para tanto um endereço eletrônico para contato. Esse recurso possibilitou o atendimento a variadas demandas (os questionários estão anexados à publicação).

É possível afirmar que a metodologia inovadora desenvolvida para o estudo das migrações internacionais no Brasil, se conseguiu atingir seus objetivos e conseguir obter os resultados às questões junto aos imigrantes, é também inspiradora para outros estudos, mesmo em contextos não pandêmicos.

Os resultados obtidos permitem visualizar não só a situação mais geral para o Brasil, mas também os contextos regionais, que são apresentados ao longo de centenas de páginas, permitindo ao leitor ter acesso às diferenciações regionais, evidenciando novas diferenciações.

É importante destacar algumas características dos que responderam o questionário.

Segundo os pesquisadores, as nacionalidades dos participantes da pesquisa refletem as tendências atuais das migrações internacionais no país, com muitos venezuelanos e haitianos, mas também senegaleses, colombianos, cubanos, guineenses, angolanos, congolezes e sírios, incorporando imigrantes de sessenta nacionalidades diferentes e evidenciando a extrema heterogeneidade das migrações internacionais contemporâneas. Também observaram uma nova composição étnica e racial da imigração para o Brasil, constituída majoritariamente por não brancos. Grande parte dos entrevistados com filhos declararam que os filhos viviam em outro país.

As respostas obtidas permitiram observar que são imigrantes principalmente do Sul Global, com uma composição racial muito diferente dos fluxos migratórios históricos no Brasil. Evidenciam também dinâmicas familiares e arranjos domiciliares com distintas vulnerabilidades diante das implicações provocadas pela pandemia.

Com relação ao que foi relatado sobre o período da pandemia, observou-se que a situação foi vivenciada de modo diferenciado quanto aos tópicos investigados. Não é possível abordar nessa breve resenha toda a complexidade que envolveu os imigrantes de várias origens em sua inserção e vivências no contexto brasileiro, nem as especificidades focalizadas com relação aos diferentes estados analisados. Cabe, assim, ao leitor percorrer as centenas de páginas, procurando conhecer e refletir sobre os dados apresentados, que poderão certamente contribuir para uma melhor atuação junto aos imigrantes, assim como a proposição dos novos estudos.

De modo bem geral, os pesquisadores reiteram a vulnerabilidade que marca a vida de parte importante dos imigrantes internacionais já antes da pandemia, pois, do total de 2475 entrevistados, 1094 já não trabalhavam. Também evidenciam a composição altamente

estratificada dos imigrantes. Os dados mostram uma estrutura laboral altamente polarizada e a predominância da informalidade, mas também que uma parcela conseguiu trabalho ou mudou de emprego durante a pandemia, principalmente em alguns nichos que estão em expansão, como o trabalho em frigoríficos. A heterogeneidade dos entrevistados também se reflete na percepção da pandemia no emprego com relação aos rendimentos, que comprometeram muito a vida para grande parte deles.

Várias foram as medidas adotadas pelos imigrantes para o enfrentamento da Covid-19, apesar de muitos terem apontado dificuldades para lidar com as restrições impostas pelo isolamento social: redução de despesas e do consumo de reservas próprias, de familiares ou amigos, empréstimos e também busca de informações sobre outros países para emigrar. De modo geral contaram com o acesso ao Sistema Único de Saúde (8970). Com relação à doença, 144 testaram positivo ou alguém da família, e oitenta e cinco procuraram atendimento no SUS. Alguns receberam atendimento ambulatorial com isolamento domiciliar e trinta e dois demandaram cuidados mais completos, considerando como satisfatória a atenção recebida, com poucas exceções. Houve informantes que relataram o falecimento de parentes pela doença. A maior parte afirmou ser difícil seguir as medidas de distanciamento social.

No tocante aos direitos sociais, o estudo mostra que a heterogeneidade de grupos sociais alcançados pela pesquisa, com apátridas, refugiados e imigrantes do Norte e do Sul Global, em processos com e sem raízes históricas no Brasil implica necessidade de políticas focalizadas para o enfrentamento da crise e dinâmicas familiares e domiciliares específicas de cada grupo. De modo geral, porém, uma grande parcela dos imigrantes buscou informações sobre a pandemia a alguma forma de auxílio, do governo, Ongs, redes sociais, organismos internacionais etc. Mas foram poucos os que conseguiram o auxílio emergencial. Mais frequente foi o recebimento do Bolsa Família, o Benefício de Prestação Continuada e outros programas. Também foi muito restrito o apoio de associações ou qualquer outro tipo de órgão que atenda imigrantes, durante a pandemia, além da suspensão de atendimentos para emissão de documentos é interessante observar que durante a pandemia cresceu o número de entrevistados que contou com a assistência de amigos e/ou conhecidos brasileiros, embora contando ainda muito com o apoio das redes de familiares e amigos compatriotas.

Os pesquisadores observam que a heterogeneidade e a desigualdade entre os imigrantes implicam diferenças no enfrentamento às medidas propostas e na forma como visualizam o futuro: uma parcela dos entrevistados declarou não ter apreensão quanto às perspectivas de trabalho e saúde, enquanto a maior parte demonstrou medo.

É interessante, entretanto, constatar que parte importante dos entrevistados tem como plano permanecer no Brasil, evidenciando, segundo os pesquisadores, que veem o Brasil como “país possível e não o país desejado; possível, em especial, pela imigração documentada”, pois uma parte deles deseja sair.

Os dados indicam a recente imigração internacional para o Brasil como um “fenômeno social menos centrado na relação migração-trabalho”, reforçando a inserção brasileira na rota das migrações transnacionais como o país possível para grande parte dos fluxos oriundos do Sul Global.

Os pesquisadores procuram chamar a atenção para o fato de que dimensões culturais, dinâmicas familiares, arranjos domiciliares e formas de inserção laboral condicionam diferentes

vulnerabilidades à crise econômica e sanitária, que a pandemia potencializou para grande parcela dos entrevistados em piores condições de inserção.

A heterogeneidade e a desigualdade entre os imigrantes entrevistados foram constatadas na análise de praticamente todas as questões abordadas, devendo merecer atenção das políticas de Estados e dos estudiosos das migrações.

O livro ainda colabora para a discussão das políticas de Estado e outras medidas necessárias para o melhor atendimento às necessidades dos imigrantes em maior vulnerabilidade, ao trazer logo no início da obra um detalhamento das políticas e restrições à imigração no contexto da pandemia da COVID-19, retomando ainda medidas adotadas nos séculos XX e XXI (em especial em momentos de crises sanitárias), até o momento atual.

Na análise que fez sobre o século XX, Hobsbawm chamava a atenção para a ausência de um sistema ou estrutura internacional para controlar e melhorar os problemas da raça humana (HOBSBAWM, 1995, p. 537-546):

Em suma o século acabou numa desordem global cuja natureza não estava clara, e sem o mecanismo óbvio para acabar com ela ou mantê-la sob controle. O motivo dessa impotência estava não apenas na verdadeira profundidade e complexidade da crise mundial, mas também no aparente fracasso de todos os programas, velhos e novos, para controlar e melhorar os problemas da raça humana (HOBSBAWM, 1995, p. 541).

Sobre a imigração no período, o autor observou a criação de sociedades essencialmente não igualitárias":

Cercados por países pobres com imensos exércitos de jovens clamando pelos modestos empregos no mundo rico, que tornam homens e mulheres ricos pelos padrões de El Salvador ou Marrocos, esses países de muitos cidadãos velhos e poucos filhos enfrentariam as opções de permitir a imigração em massa (que produziria problemas políticos internos), entrincheirar-se contra os migrantes dos quais precisavam (o que poderia ser impraticável a longo prazo), ou encontrar alguma outra fórmula. O mais provável era permitir a imigração temporária e condicional, que não dava aos estrangeiros os direitos sociais e políticos de cidadãos, ou seja, criar sociedades essencialmente não igualitárias. Estas poderiam ir de sociedades de franco Apartheid, como as da África do Sul e Israel (declinando em algumas partes do mundo, mas de modo algum excluindo em outros), até a tolerância informal de imigrantes que não faziam exigências ao país receptor, porque o viam simplesmente como um lugar ou de ganhar dinheiro de tempos em tempos, permanecendo basicamente enraizados em sua terra natal. Os transportes e comunicações de fins do século XX, além do enorme fosso entre as rendas que poderiam ser ganhas dos países ricos e pobres, tornavam essa espécie de dupla essência mais possível que antes. Se esta poderia a curto ou mesmo médio prazo tornar menos incendiários os atritos entre a população originária e os estrangeiros, é algo que continua em discussão entre os eternos otimistas e os céticos em ilusões. Não pode haver dúvida de que tais atributos serão fator importante na política, nacional ou global, das próximas décadas. (HOBSBAWM, 1995, p. 547).

Não sabemos o que o autor visualizaria nos contextos criados pela pandemia, mas podemos concordar com ele sobre as forças que continuam atuando no mundo de forma mais forte, afetando, sobretudo, os que são vistos como "carregadores de vírus".

A pandemia acentuou a dominação econômica e tecnocientífica, criando novas formas de estigmatização: os imigrantes indesejáveis porque não vacinados.

Mais uma vez, são as nações ricas e desenvolvidas tecnologicamente que estão conseguindo produzir e vacinar seus cidadãos. Na "guerra pelas vacinas" não há previsão sobre quando os demais cidadãos serão vacinados contra essa e outras possíveis doenças e, assim, poderem "livremente" se deslocar pelo mundo.

Referências bibliográficas

FOLHA DE SÃO PAULO. Coiotes jogam 2 crianças de muro de 4 metros na fronteira. 3/4/2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. Vírus verde e amarelo. Demétrio Magnoli. 24/4/2021.

HOBBSAWM, E.J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Costa CI, tradutor. Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34; 1994. (Coleção Trans).

LATOUR, B. Reagregando o social. Salvador, BA: EDUFBA, EDUSC; 2012.

PEIXOTO, J.; OLIVEIRA, I.; AZEVEDO, J.; MARQUES, J. C.; GÓIS, P.; MALHEIROS, J. MADEIRA, P. M. (Orgs). *Retorno ao futuro: a nova emigração e a sociedade portuguesa*. Lisboa, PT: Gradiva Publicações. 2016.